

# Cabel-udo, cabel-oso ou cabel-ento?

## – Um estudo sobre a aquisição de sufixos produtivos no Português Brasileiro

SABRINA PEREIRA DE ABREU  
(UFRGS/BRASIL)

### 0. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar resultados parciais de uma pesquisa sobre a aquisição dos sufixos produtivos em crianças monolíngües do Português Brasileiro (doravante PB), das faixas etárias de 5:0, 7:0 e 9:0 anos, representativas dos estágios de pré-escolaridade, em processo de alfabetização e alfabetizados. Foram observados três casos de derivação sufixal (-oso, -ento, e -udo), escolhidos em função dos seguintes critérios:

- classe de palavras a que se aplica cada sufixo;
- produtividade;
- afinidade semântica;
- traços semânticos (definidos cf. Pottier (1985)).

Segundo Pezzatti (1989), as gramáticas tradicionais apresentam descrições sucintas destas derivações sufixais, fornecendo apenas um significado nuclear. Tais gramáticas não elucidam questões relacionadas à produtividade e à significação dos sufixos.

Embora tratados pelas gramáticas tradicionais como semanticamente equivalentes, a prática demonstra que seu emprego no PB pode variar de acordo com a intenção comunicativa do falante. Deste fato, resulta que a escolha entre estas três formas não é aleatória, mas, ao contrário, revela algumas implicações de natureza semântico/pragmática.

Para verificar tal implicação, foram realizados dois tipos de levantamentos. O primeiro, em gramáticas e dicionários do PB, com o intuito de esgotar as informações que elas ministram sobre tais sufixos e viabilizar a análise sêmica. A partir do levantamento dos semas que constituem o semema – feixe de traços distintivos mínimos de significação – de cada sufixo, foram definidas as suas relações conjuntivas e disjuntivas, possibilitando a adoção de semas nucleares e virtuais dos sufixos. Foi realizado, também, um levantamento dos semas virtuais do lexema ao qual o sufixo é afixado.

O segundo levantamento, de ocorrências na fala de crianças, foi realizado para verificar a produtividade dos sufixos e a motivação contextual para a escolha deste ou daquele sufixo (a motivação contextual é definida pelos semas virtuais conjuntivos dos sufixos).

Em suma, pretendendo fazer uma abordagem mais sistemática da derivação sufixal, procurou-se evidenciar as relações do processo lexical e as condições efetivas de uso da linguagem, visando contribuir para o desenvolvimento de uma gramática que explore com mais eficiência as reais potencialidades da língua.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1. A semântica analítica e as formas sufixais

Do ponto de vista estritamente semântico, adotamos o modelo de Pottier (1972-85) no que se refere à semântica analítica.

A análise sêmica estabelece a composição semântica de uma unidade léxica através dos traços semânticos ou semas, que são as unidades mínimas de significação. O traço semântico ou sema será o traço pertinente de significação; o semema será o conjunto de semas de uma unidade lexical; o arquissemema será o conjunto dos traços pertinentes em caso de neutralização e o alossema será o sema capaz de realizações diferentes de acordo com o contexto semântico.

O semema é constituído de três conjuntos de semas, a saber: o semantema (semas específicos), o classema (semas genéricos) e o virtuemema (semas conotativos) que, portanto, dependem das aquisições sócio-culturais dos interlocutores, bem como de sua intenção de selecioná-los ou não.

A ocorrência de diferentes morfemas no enunciado determina a combinação da substância sêmica de modo que um componente venha a ter significações diferentes conforme o contexto onde entra (são as variantes combinatórias contextuais).

Para melhor entender a semântica analítica é importante definir ainda dois conceitos básicos: a lexia e o taxema de experiência. A lexia é a unidade funcional, ou lexical, memorizada, cuja substância do significado é a semia e a forma do significado é a categoria. A lexia nasce de um hábito associativo.

Para realizar uma análise sêmica, toma-se inicialmente uma lexia (simples) e realiza-se um levantamento de todos os seus semas possíveis, fora de qualquer taxema de experiência. Só depois é que se divide os semas nas classes específicas entre os semas denotativos e conotativos, conforme o taxema de experiência em interesse.

A partir da análise sêmica, verificou-se que os três sufixos têm um classema conjuntivo /aquilo que denota abundância/; entretanto, disjuntam em alguns semas específicos (semantema), e apresentam o virtuemema /valor depreciativo/ em gradação. Por exemplo, o sufixo **-ento** tem um sema virtual / sórdido, infecto, podre/ que, geralmente, está presente em todas as formas derivadas e que é o responsável pela atualização do valor depreciativo médio.

Portanto, a nossa hipótese específica é que, além dos graus atribuídos aos sememas virtuais dos sufixos, há uma espécie de espraiamento dos semas nucleares do lexema de origem, o que direciona a escolha do sufixo.

Sendo assim, o falante reconhece um certo valor depreciativo em gradação nos três sufixos. O sufixo **-oso** parece ser mais neutro, não havendo implicações pejorativas no seu emprego. No caso de **-ento**, há um certo valor depreciativo ou negativo, que se intensifica no uso de **-udo**.

Uma evidência é o fato de que quando se deseja ofender alguém usa-se um derivado com **-udo** e não com **-oso**. Um outro aspecto é que, além de graus (forte, médio e fraco) atribuídos aos semas virtuais dos sufixos, estes são escolhidos em função de uma espécie de espraiamento (contaminação) dos semas nucleares do lexema de origem.

Espera-se, assim, que quando for afixado um destes sufixos a um lexema neutro, a escolha da forma sufixal seja **-oso**; no caso de um lexema com valor depreciativo fraco, **-ento**; e quando o lexema tiver um valor depreciativo forte, será o sufixo **-udo** o mais produtivo.

Desta forma, o falante, ao selecionar um dos três tipos, fará uma seleção sêmica das

possibilidades virtuais de cada sufixo (conforme o grau depreciativo de cada um) e o usará contextualmente para expressar a imagem que ele faz do referente.

Disso resulta que a seleção entre as três formas está estreitamente vinculada a uma função pragmática da linguagem, pois veicula sempre uma atitude do falante em relação à imagem que ele faz do referente. Tal atitude passa do tom neutro para gradativamente assumir um tom depreciativo. Esse fato é ignorado pelos gramáticos tradicionais que se limitam a uma posição nitidamente classificatória destas formas sufixais.

## 1.2. Estudos sobre a aquisição de processos derivacionais

Em linhas gerais, o quadro teórico em que se insere esta pesquisa é a visão sócio-construtivista da aquisição da linguagem. Autores como Bowerman (1982), De Lemos (75-82-89), Figueira (1991), Brow & Bellugi (1971), Clark, E. (1977) reconhecem a precedência do desenvolvimento comunicativo sobre o desenvolvimento estritamente lingüístico (o domínio das regras e relações).

Especificamente em relação aos estudos sobre a aquisição de processos derivacionais, esta investigação espelha-se no trabalho de Figueira (1991). A autora afirma que, em trabalhos não-construtivistas, a ênfase no tratamento dos processos morfológicos tem sido colocada sobre a compreensão pela criança do afixo em si mesmo – seu sentido e o fato de que ele tem uma combinatória potencial, independentemente das palavras em que é encontrado.

Estudando as formas sufixadas com **-oso**, Figueira (1991) diz que «(...) quando se tem a oportunidade de registrar uma forma como **gentilosa** (...) se pode afirmar com alguma segurança que a criança já trabalha com a relação de sentido que este sufixo carrega, pois ela o impõe a outras formas, onde, de resto, poderia até estar presente, se no sistema em questão o modo de formatação do adjetivo fosse único».

No exemplo de Figueira, é importante, para o presente estudo, ressaltar que a palavra 'gelatina' no PB não possui valor depreciativo, o que significa dizer, em termos da classificação mencionada anteriormente, que trata-se semanticamente de um lexema neutro.

Cumpre salientar que Figueira trabalha com processos de reorganização na morfologia e prioriza o erro em sua investigação. A nossa pesquisa não enfocou diretamente as formas desviantes da derivação sufixal. Obviamente, esperava-se que as crianças produzissem formas desviantes a partir de um direcionamento contextual, mas o erro não foi o cerne da questão, tendo em vista que a diferença entre as três formas sufixais em estudo situa-se num sema virtual que cada sufixo contém, conforme os graus de negatividade vistos anteriormente.

Assim, a ênfase desta pesquisa foi «intraléxica», isto é, além da seleção sêmica, esperava-se que a criança estendesse alguns semas negativos do lexema para a escolha sufixal. Nesse sentido, diante do lexema «piolho», num contexto em que estivesse sendo usado com os traços /podre, que faz mal, doença, nojo/, a expectativa era de que a criança escolhesse o sufixo **-ento** para formar o adjetivo.

## 2. METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza metodologicamente como um estudo comparativo do tipo transversal. Procuramos estabelecer o maior número possível de comparações no que diz respeito aos sujeitos, variáveis e o objeto lingüístico em estudo.

• **Sujeitos**

Foram observadas 60 crianças de 5:0, 7:0 e 9:0 anos, de ambos os sexos, falantes monolíngües do PB, cursando a pré-escola, 1ª série do 1º Grau, e 3ª série do 1º Grau, em escola da rede pública de Porto Alegre (RS-Brasil). As crianças foram subdivididas em três faixas etárias, cada uma com 20 sujeitos. Em cada faixa etária houve emparelhamento do número de meninas e meninos – 10 para cada sexo.

Outro critério adotado na seleção dos sujeitos foi a avaliação da escola quanto ao desenvolvimento da criança. Desse modo, a amostra não incluiu crianças que têm registro de problemas de desenvolvimento físico, emocional, intelectual ou, especificamente, de fala. Foram selecionadas somente crianças que, de acordo com a avaliação da escola, apresentavam desenvolvimento normal.

### 3. PROCEDIMENTOS

#### **Instrumento**

Foram montados três instrumentos, um para cada faixa etária, cada um com 30 adjetivos-alvos precedidos por um contexto lingüístico, visando criar uma expectativa em direção à escolha de um dos sufixos como o mais adequado para formar o adjetivo.

Assim, a construção dos instrumentos incluiu os contextos lingüísticos que fornecessem pistas dos semas virtuais, isto é, que direcionassem a escolha de um dos sufixos como o responsável pela formação do adjetivo. O objetivo desta contextualização foi o de fornecer, além das três possibilidades sufixais, um contexto discursivo a ser levado em conta na formação do adjetivo-alvo.

O **instrumento 1**, aplicado à faixa etária de 5:0, compreendeu a apresentação de dois fantoches (João Cabelento e Maria Caspuda). Os fantoches convidaram as crianças para participarem de um jogo **“Quem tem demais é»**. No diálogo entre os fantoches, foi fornecido o contexto discursivo.

O **instrumento 2**, aplicado à faixa etária de 7:0, consistiu na proposta de um jogo para as crianças, contextualizando os itens da seguinte forma: as crianças foram convidadas a participarem do jogo **“Udo-Oso-Ento é com estes que eu invento”**. As três formas sufixais foram colocadas no quadro-negro. A seguir apresentamos as figuras temáticas (que evidenciavam os semas /abundância/, /ter muito/ e /ter demais/) e solicitamos que elas indicassem a forma que julgavam correta para a formação do adjetivo. As figuras temáticas foram escolhidas de maneira que evidenciassem os semas virtuais dos sufixos, procurando direcionar a escolha entre os sufixos. Por exemplo, a figura de um menino com um pescoço absurdamente grande ou com um nariz desproporcionalmente grande.

O **instrumento 3**, aplicado à faixa etária de 9:0, também consistiu de uma experiência lúdica. As crianças foram convidadas a participarem de uma gincana. O grupo foi dividido em 5 equipes, com 4 componentes cada uma, que deveriam formar o adjetivo a partir da contextualização das três formas sufixais. Não receberam nenhum estímulo visual. Cada grupo recebeu uma folha contendo adjetivos formados de substantivos com cada uma das três formas. Após foram convidados a responder 30 questões-alvo.

## Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada em três etapas, cada uma correspondendo à aplicação dos respectivos instrumentos.

Após a coleta de dados, foram comparados os resultados encontrados entre as três faixas etárias na tentativa de traçar uma ordem de ocorrência dos sufixos conforme o direcionamento proposto, partindo das crianças de menos idade para as mais velhas.

## 4. RESULTADOS

Os dados revelam que não há equivalência semântica entre as três formas sufixais como postulam os gramáticos tradicionais. Antes, há um sentido comum definido pelos semas nucleares /estar provido de/, /estar cheio de/ e /abundância/.

A forma sufixal mais produtiva na idade de 5:00, com pouca consciência metalingüística, é **-oso**; na faixa etária de 7:00 anos, adquirindo consciência metalingüística, é **-udo**; e na faixa etária de 9:00, consciência metalingüística adquirida, é **-udo**.

Mesmo havendo variação em relação à produtividade de cada uma destas formas sufixais no grupo de crianças que participaram da pesquisa, a preferência pelo sufixo **-udo** para formar adjetivos a partir de substantivos com traços semânticos depreciativos foi a mesma nas três faixas etárias.

Um outro aspecto observado é que a variável 'sexo' apresentou resultados expressivos: os meninos utilizam mais o sufixo **-udo** do que as meninas.

Não foi possível ainda estabelecer regras de ocorrência dos sufixos em relação ao seu uso contextualizado. Para atingir este objetivo, será preciso realizar um estudo com maior número de informantes e com outras variáveis, tal como nível social, para apontarmos resultados mais seguros.

Por fim, os dados revelam que o processamento de um dado enunciado lingüístico é função de suas propriedades estruturais, sua função semântica, pragmática e/ou discursiva diante de um dado contexto de enunciação.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados, ainda que embrionários, demonstram que a derivação sufixal constitui processo gramatical e semântico de grande flexibilidade de uso no léxico. O nosso objetivo inicial, o de fornecer uma contribuição para uma abordagem mais apropriada deste fenômeno lingüístico do que aquela proposta pelas gramáticas tradicionais, e estabelecer relações mais apropriadas sobre o conteúdo destas formas sufixais, foi atingido.

Nesta pesquisa procurou-se evidenciar as relações do processo lexical e as condições efetivas de uso da linguagem, visando contribuir para o desenvolvimento de uma gramática que explore com mais eficiência as reais potencialidades da língua.

## 6. BIBLIOGRAFIA

Abreu, S. P. de. 1991. *Atos e Vozes em Ruídos – um estudo da performatividade na língua*. Dissertação de Mestrado, CPGL/UFRGS/BRASIL.

- Basílio, M. 1987. *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática.
- Bowerman, M. 1982. Reorganizational processes in lexical and syntactic development. In *Language Acquisition – the State of the Art*. Wanner e Gleitman eds.
- Brown, R.; Bellugi, U. 1971. Three Processes in the child's Acquisition of Syntax. In A. Bar-Adon & W. F. Leopold eds. *Child Language: A Book of Readings*. Englewood Cliffs, N. J., Prentice-Hall.
- Clark, E. V. 1981. Lexical innovations: How children learn to create new words». In: W. Deutsch , ed. *The Child's construction of Language*. London, Academic Press.
- Cunha, C. F.1982. *Gramática da Língua Portuguesa*. 8ª ed. Rio de Janeiro, FENAME.
- De Lemos. 1989. *Uma abordagem sócio-construtivista da aquisição da linguagem: um percurso e muitas questões*. Anais do I Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem. Centro de Estudos sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem, PUCRS.
- Figueira, R. A. 1991. *Algumas considerações sobre o erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem pela criança normal*. Anais do II Encontro Nacional da Aquisição da Linguagem. CEAAL/PUCRS.
- Luft, C. P. 1985 . *Moderna Gramática Brasileira*. 6ª ed. Porto Alegre: Globo.
- Pezatti, E. G. 1989. A Gramática da Derivação Sufixal: três casos exemplares. *Alfa – Revista de Lingüística*, 33, 103-114.
- Pottier, B. et alii. 1972 *Estruturas lingüísticas do português*. São Paulo, DIFEL.
- Pottier, B. et alii. 1985 . *Lingüística Geral – Teoria e Descrição*. São Paulo, DIFEL.
- Said Ali, M. 1964. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos.